

ANÁLISE DOS PREÇOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1995-96¹

Maura Maria Demétrio Santiago²
 Maria de Lourdes Barros Camargo³
 Alceu Donadelli⁴

1 - INTRODUÇÃO

O Instituto de Economia Agrícola (IEA) vem publicando sistematicamente, desde 1968, índices mensais de preços recebidos pelos agricultores (IPR), índices mensais de preços pagos pela agricultura paulista (IPP) e índices mensais de paridade (IPR/IPP). Assim, dentro de um processo de aperfeiçoamento, fez-se necessária a construção de indicadores de preços também para o mercado varejista.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo apresentar a evolução dos índices de preços tradicionalmente publicados (recebidos, pagos e índices de paridade) acompanhados do Índice de Preços da Cesta de Mercado da Cidade de São Paulo, que reflete as variações no dispêndio mensal da família paulistana com a aquisição dos 70 principais produtos alimentícios de consumo no domicílio⁵.

Essas mudanças acompanham a nova sistemática da revista **Informações Econômicas**, através da qual, a partir deste número, serão publicados apenas os índices de preços, com retroatividade de um ano.

A título explicativo faz-se a descrição sucinta de cada um dos indicadores mencionados, seguindo-se análise de comportamento de preços em nível de produtor e varejo, bem como

dos preços de insumos e relações de troca na agricultura, no período de janeiro de 1995 a janeiro de 1996.

2 - ESTRUTURA ATUAL DOS ÍNDICES

- Índice Mensal de Preços Recebidos pelos Agricultores no Estado de São Paulo

Os produtos componentes deste índice são: algodão em caroço, amendoim em casca, arroz em casca, aves, banana, batata, bovinos, café beneficiado, cana-de-açúcar, cebola, chá, feijão, laranja, leite, mamona, mandioca para indústria, milho, ovos, soja, suínos e tomate.

A fórmula de cálculo do índice é a de Laspeyres modificada, envolvendo um sistema de pesos para a agregação dos preços dos diversos produtos, oriundo do valor da produção agrícola do Estado de São Paulo, no período 1987-89. Além do Índice Geral de Preços Recebidos (IPR), são calculados o Índice de Preços Recebidos de Produtos Vegetais (IPRV) e o Índice de Preços Recebidos de Produtos Animais (IPRA)⁶.

A base de comparação desses Índices, assim como a dos demais, foi atualizada para agosto de 1994, visando uniformidade com o Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas, usado aqui como indicador da inflação.

- Índice Geral de Preços Pagos pela Agricultura Paulista

O índice de preços pagos pela agricul-

¹Os autores agradecem a colaboração de Josuelito Balbino da Silva, Técnico de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica, e Conceição Mitsuo Makiyama Machado, Encarregado de Setor Técnico, responsáveis pela tabulação e operação de microcomputador, respectivamente.

²Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Economista, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁵Esse aspecto pode ser visualizado na tabela 1 da **Seção de Indicadores** desta revista.

⁶Maiores detalhes sobre esses índices poderão ser encontrados em Pellegrini, Rosa M.P. Índices mensais de preços recebidos pelos agricultores paulistas: nova estrutura de ponderação e comparação. **Informações Econômicas**, SP, v.20, n.8, p. 141-1431, ago. 1990 e Santiago, Maura M. D. et al. **Estatísticas agrícolas de preços no estado de São Paulo**. São Paulo: IEA, 1990. 2.v.

tura é uma medida das variações nos preços dos insumos e serviços comprados pelos agricultores e utilizados no processo de produção.

O painel de levantamento de preços pagos é constituído dos seguintes grupos de insumos e serviços: máquinas, veículos e implementos, peças de reposição, adubos e corretivos, frete, defensivos, vacinas e medicamentos, combustíveis, embalagens, serviços comprados, materiais de construção e reparo e alimentos industriais para animais, que compõem o Índice de Preços de Insumos Adquiridos Fora do Setor Agrícola (IPPF), e animais de produção e de trabalho, alimentos *in natura* para animais e sementes, componentes do Índice de Preços de Insumos Adquiridos no Próprio Setor Agrícola (IPPD), que, por sua vez, integram o Índice Geral de Preços Pagos pelos Agricultores (IPP).

Os preços desses insumos e serviços são coletados entre os dias 10 e 20 de cada mês, na cidade de São Paulo, e correspondem a uma parcela significativa de itens de produção adquiridos pelos agropecuaristas do Estado.

O IPP é calculado segundo a fórmula de Laspeyres modificada de base móvel, com sistema de ponderação e painel de levantamento de preços extraídos da pesquisa sobre Estrutura de Gastos da Agricultura Paulista no ano agrícola 1980/81, tendo como base de comparação agosto de 1994.

- Índice de Paridade

O índice de paridade (IP) ou relação de trocas no setor agrícola é calculado de maneira simples, utilizando-se o índice geral de preços recebidos pelos agricultores (IPR) e o índice geral de preços pagos pela agricultura paulista (IPP), ambos tendo como referência a mesma base. Assim,

$$IP = \frac{IPR}{IPP} \times 100$$

Desse modo, esse índice compara as mudanças relativas entre o índice de preços recebidos e o índice de preços pagos, medindo o poder aquisitivo do agricultor.

Para se utilizar o índice de paridade como indicativo dos ganhos e perdas do setor agrícola quando comparado à indústria, calcula-

se a relação de troca entre o IPR e o índice de preços de insumos adquiridos fora do setor agrícola (IPPF). Vale ressaltar que o IPP representa aproximadamente 73% dos gastos dos agricultores, com 55% relativos ao IPPF.

Sempre que o IP for maior do que 100, significa que o agricultor teve seu poder de compra aumentado em relação ao período base, pois a elevação de seus custos foi menor que a elevação de sua renda. Se o IP for menor do que 100, o inverso terá ocorrido, ou seja, estará havendo uma transferência de renda do setor agrícola para os outros setores da atividade econômica, em relação à situação vigente no período base.

- Índice de Preços - Cesta de Mercado da Cidade de São Paulo

Desde maio de 1970, são publicados os dispêndios mensais da família paulistana para adquirir a Cesta de Mercado, composta de 70 produtos alimentícios. Segundo a metodologia dessa estatística⁷, os preços dos produtos no mercado varejista são coletados diariamente em diversos equipamentos, como feiras livres, supermercados, quitandas, açougues e empórios, seguindo amostra probabilística definida pelo IEA para a Cidade de São Paulo, sendo que a escolha tanto dos produtos constantes da Cesta, quanto das quantidades consumidas pelas famílias, foi feita com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (FIPE-USP) de 1981/82.

O cálculo dos preços médios mensais dos produtos envolve a ponderação por equipamento e por corte, no caso de carnes, valores esses definidos também pela POF (81/82).

Desse modo, o dispêndio é obtido pela multiplicação desses preços pelas quantidades consumidas, resultando nos gastos por produto, grupo, subgrupo e total da Cesta de Mercado.

Tendo em vista as modificações ocorridas na revista **Informações Econômicas** e dada a inexistência de um indicador para avaliar os preços no mercado varejista, foram calculados relativos dos dispêndios para medir as variações nos preços dos produtos em nível de

⁷Ver Santiago, Maura M. D. et al. **Estatísticas agrícolas de preços no estado de São Paulo**. São Paulo: IEA, 1990. 2.v.

varejo, já que as quantidades consumidas são fixas no tempo, ou seja:

$$I = di/do$$

onde:

di = valor do dispêndio no período i e

do = valor do dispêndio no período base

Assim, construíram-se, a partir de janeiro de 1995, três indicadores: o Índice de Preços da Cesta de Mercado dos Produtos de Origem Vegetal (IPCMV), composto pelo agregado dos produtos básicos (arroz, feijão, café, açúcar, etc.), frutas, hortaliças e industrializados; o Índice de Preços da Cesta de Mercado de Produtos de Origem Animal (IPCMA), formado pelas carnes e derivados, leites e derivados e ovos e o Índice de Preços da Cesta de Mercado Total (IPCMT), que reflete as mudanças totais ocorridas nos valores gastos com a Cesta de Mercado.

3 - EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS E INSUMOS NO PERÍODO DE JANEIRO DE 1995 A JANEIRO DE 1996

- Preços Recebidos pelos Agricultores

Tomando-se como ponto de partida janeiro de 1995, observa-se que os preços em nível de produtor, embora com movimentos oscilantes, mostraram-se decrescentes até outubro de 1995⁸.

Vale dizer que essa tendência já vinha sendo percebida desde dezembro de 1994, quando se vislumbravam os indícios de uma boa safra em 1994/95, que, aliados às importações de grãos e elevação das taxas de juros no mercado financeiro, inviabilizando a formação de estoques, contribuiriam para o comportamento baixista em 1995.

Visualizando a evolução do IPR frente aos demais índices, depreende-se que, a despeito das majorações ocorridas após outubro de 1995, os preços, mesmo com movimentos semelhantes ao IGP-DI, IPP e IPCMT, evoluíram

abaixo desses indicadores⁹.

Um fato observado é que em 1995, comparativamente aos outros anos, as quedas nos preços dos produtos agrícolas foram bastante acentuadas no período da safra, como aconteceu de janeiro a março no caso do IPRV. A partir daí, observa-se movimento levemente ascendente, que prossegue até junho, em decorrência das altas nos preços de amendoim em casca, batata, cana-de-açúcar, cebola, mamona e milho (Tabela 1).

Em julho, novamente os preços dos itens componentes do IPRV voltaram a decrescer, o que poderia ser explicado, além dos fatores já mencionados, pela suspensão dos financiamentos pelo Banco do Brasil e pela entrada da safra de alguns produtos como feijão e laranja, conjugado ao reinício dos leilões de estoques oficiais. Esse movimento de queda prosseguiu até outubro, época que demarca normalmente a entressafra agrícola.

Já no mês de novembro ocorreu uma recuperação dos preços agrícolas vegetais, que prosseguiu até janeiro de 1996. Embora muito se tenha falado da âncora verde do plano real, a análise conjunta dos índices IPR, IPRA e IPRV mostra que os decréscimos mais significativos ocorreram nos produtos animais. Como mostrado na evolução do IPRA, os preços em 1995, de modo geral, mostraram-se decrescentes, atingindo em maio o menor valor do período, após o que se observa um movimento de alta, que prossegue até agosto, como conseqüência de valorização principalmente nos preços das aves e ovos. A partir daí, salvo novembro, registraram-se quedas.

Em janeiro de 1996, os aumentos de 3,57% nos preços agrícolas dos produtos vegetais influíram na *performance* ascendente do IPR (+1,03%), haja vista o decréscimo de 3,47% nos preços dos produtos animais, comandado pelas aves (-7,69%) e ovos (-5,49%), seguindo-se os suínos (-4,49%) e bovinos (-2,56%).

Analisando-se individualmente os componentes do IPR, observa-se que aumentos superiores ao IGP-DI de 1,79% aconteceram em grande parte dos itens vegetais, como na batata (40,35%), cebola (33,33%), mandioca para indústria (16,95%), soja (8,78%), milho (8,48%), feijão (8,37%), arroz em casca (6,28%) e café beneficiado (3,78%).

⁸Op. cit. nota 5.

⁹Op. cit. nota 5.

TABELA 1 - Evolução das Variações Percentuais dos Preços Recebidos Pelos Agricultores no Estado de São Paulo, Janeiro de 1995 a Janeiro de 1996

Produto	Jan./95	Fev./95	Mar./95	Abr./95	Maior/95	Jun./95	Jul./95
Algodão em caroço	-0,15	-1,82	0,77	4,76	-7,33	-6,65	-2,03
Amendoim em casca	-12,88	-29,67	12,32	10,27	-2,93	3,81	-10,89
Arroz em casca	-3,02	-7,43	-11,56	-9,95	-3,25	0,45	5,57
Banana	-4,70	-12,28	28,00	46,88	-21,81	-6,80	-19,71
Batata	7,00	1,59	-3,51	-5,52	22,38	26,36	-12,54
Café beneficiado	7,77	-2,73	9,10	-2,12	1,28	-5,88	-7,37
Cana-de-açúcar	-0,37	-1,11	0,28	0,56	4,37	2,05	1,05
Cebola	7,69	2,38	-4,65	19,51	16,33	47,37	8,33
Feijão	-7,12	3,95	4,63	-3,45	-9,23	-18,75	-0,91
Laranja para indústria	0,00	-9,77	0,00	-1,30	-6,14	0,00	-24,77
Mamona	-10,71	16,00	-27,59	9,52	0,00	21,74	0,00
Mandioca para indústria	0,16	2,29	-5,39	2,50	-1,88	-13,25	2,56
Milho	-4,37	-9,79	-11,87	-4,11	-2,74	3,52	4,08
Soja	-0,75	-1,04	-17,70	1,28	-3,90	-0,96	9,41
Tomate	6,12	-3,61	-2,91	35,30	0,83	-28,01	-22,75
Ave	-17,44	-12,68	-24,19	4,26	4,08	7,84	14,55
Bovino	-11,66	0,47	-5,94	-3,95	-7,66	-0,23	10,34
Leite	-1,24	-2,51	0,64	4,89	5,88	1,72	2,07
Ovo	-20,79	-5,61	-10,34	-15,26	-8,90	14,01	-4,41
Suíno	-6,30	-10,72	-6,19	-3,99	-6,72	-6,38	-0,88

Produto	Ago./95	Set./95	Out./95	Nov./95	Dez./95	Jan./96
Algodão em caroço	0,52	0,00	8,26	4,13	3,25	0,89
Amendoim em casca	-6,82	0,61	4,70	12,30	2,45	-4,28
Arroz em casca	2,64	9,67	4,97	1,43	2,47	6,28
Banana	-8,18	-7,92	-11,38	-2,44	-8,75	1,37
Batata	-49,75	-24,67	-21,95	-12,02	-5,15	40,35
Café beneficiado	6,56	-5,40	-4,71	2,14	-5,57	3,78
Cana-de-açúcar	2,77	-0,42	5,41	2,32	0,86	0,31
Cebola	-35,16	-40,68	-42,86	-15,00	5,88	33,33
Feijão	5,44	-3,57	3,13	1,72	35,41	8,37
Laranja para indústria	-8,07	-6,76	-5,07	0,76	0,76	-7,52
Mamona	-10,71	20,00	-6,67	-17,86	34,78	0,00
Mandioca para indústria	-0,26	0,49	4,49	3,73	-0,34	16,95
Milho	5,39	0,16	9,29	9,21	2,46	8,48
Soja	13,12	0,19	4,96	10,19	4,46	8,78
Tomate	-27,48	6,94	-25,00	-3,54	44,65	-4,12
Ave	7,94	-7,35	-7,94	-1,72	14,04	-7,69
Bovino	3,11	-3,97	2,11	4,42	-13,31	-2,56
Leite	-2,58	0,95	-3,94	-2,34	-3,40	0,00
Ovo	11,55	-17,01	-0,94	16,80	11,41	-5,49
Suíno	5,61	-3,20	-0,69	0,00	1,22	-4,49

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados levantados pelo Instituto de Economia Agrícola.

No caso de arroz e milho, o Governo estaria, através das vendas de estoques, adotando uma estratégia gradualista de equiparar os preços internos aos de exportação¹⁰.

Vale observar que embora em janeiro de 1996 os preços agrícolas, em termos gerais, tenham se mostrado crescentes, comparativamente a igual período de 1995, o IPR mostrou queda de 4,88%.

¹⁰Carta HM de Análise de Conjuntura Agropecuária, SP, n.86, fev. 1996.

- Preços Pagos pelos Agricultores

A análise do Índice Geral de Preços Pagos pela Agricultura Paulista (IPP), no período correspondente aos últimos doze meses, mostrou um comportamento praticamente inalterado até julho, quando começou a se esboçar uma tendência altista, porém bastante moderada, em termos nominais. Os preços dos insumos e serviços subiram, nominalmente, 8,74% no período, taxa insuficiente, no entanto, para atingir os 15,27% da inflação medida pelo IGP-DI. Portanto, em termos reais, o IPP teve uma queda de 5,66%¹¹.

Os dois índices componentes do IPP, o Índice de Insumos Adquiridos Fora do Setor Agrícola (IPPF) e o Índice de Insumos Adquiridos no Próprio Setor Agrícola (IPPD), tiveram comportamento bastante diferenciado. Enquanto o IPPF cresceu 16,61%, o IPPD veio decrescendo continuamente, com períodos de melhoria, totalizando uma perda da ordem de 12,65%. Esse decréscimo no IPPD se deu praticamente em função da retração que vem ocorrendo nos preços dos animais de produção a partir de março, apesar da leve recuperação em julho/agosto e novembro. Entre janeiro de 1995 e janeiro de 1996, a variação acumulada foi de -26,35%. Esse comportamento baixista foi reflexo da queda no preço da arroba do boi gordo, em função de condições climáticas mais favoráveis na entressafra, de uma oferta de gado mais regular no período, proporcionada pelo confinamento, e de uma demanda retraída por proteínas animais.

Outro item com peso considerável na composição do IPPD e, portanto, influenciando significativamente seu resultado, são as sementes, que tiveram seus preços reduzidos em 7,78%, porém, sinalizando com leve recuperação em dezembro. Vale ressaltar que houve queda no volume de sementes produzidas e comercializadas.

O único grupo dentro do IPPD com variação nominal positiva (13,43%) foi o dos alimentos *in natura* para animais, onde o que conta é o desempenho do milho, principal componente da alimentação de suínos e aves. Seus preços estiveram em queda até maio, começaram a se recuperar em junho e mais intensamente a partir de outubro, ficando, no entanto, abaixo

do preço mínimo vigente em 1995 de março a agosto.

O IPPF, com um comportamento ascendente durante todo o período, teve um ganho real pequeno, da ordem de 1,16%. No entanto, alguns de seus componentes tiveram seus preços reajustados acima da inflação.

Adubos e corretivos, grupo de maior peso na composição do IPPF e, conseqüentemente, do IPP, uma vez que os insumos adquiridos fora do setor agrícola respondem por 75,41% do comportamento do índice geral de insumos, subiram nominalmente 27,25%, com crescimento real de 10,39%. Com um comportamento praticamente estável, com modestos aumentos até julho, seus preços tiveram uma subida considerável de agosto a outubro, quando ocorreram as maiores altas do período. É sabido que o mercado internacional apresentou algumas elevações de preços tanto em fertilizantes simples como em suas matérias-primas, reflexo principalmente do acréscimo da demanda em diversos países. As vendas de fertilizantes caíram bastante de abril a julho, época em que os agricultores em geral e particularmente os produtores de soja antecipam suas compras para a safra seguinte. Essa situação refletiu as incertezas da política agrícola e o endividamento do setor rural, com acentuada queda dos preços dos produtos agrícolas, principalmente grãos, e dos altos encargos financeiros dos empréstimos agrícolas. No entanto, em agosto a situação começou a ser amenizada, em função da melhoria dos preços de alguns produtos no mercado internacional, tais como soja e milho, e da securitização das dívidas dos agricultores, o que não impediu de terminar a safra com uma retração nas vendas.

Os outros dois itens que acumularam ganhos reais foram: serviços comprados (4,52%), em função do aumento de energia elétrica ocorrido em 30 de novembro, e materiais de construção e reparo (6,05%).

O item aquisição de máquinas e implementos agrícolas, com peso de 10,67% na composição do Índice, acumulou modesta variação de preços (+9,86%) no decorrer de 1995, sofrendo perda, em termos reais, da ordem de 4,69%. O setor amargou queda nas vendas, principalmente no segmento de tratores e colheitadeiras, sofrendo diretamente os impactos da crise da agricultura.

O grupo dos defensivos, com acrésci-

¹¹Idem nota 5.

mos nominais em seus preços de apenas 2,57%, foi o único setor que não enfrentou dificuldades na última safra, uma vez que houve crescimento nas vendas.

Os demais componentes do IPPF tiveram o seguinte comportamento: frete cresceu 13,18%, com maior aumento ocorrido em junho; combustíveis e lubrificantes, 13,00%, em função dos aumentos anunciados em 27 de setembro, e alimentos industriais para animais, 9,26%, praticamente por conta do crescimento verificado nos preços em janeiro de 1996; por outro lado, as sacarias caíram 6,93%, apesar da razoável recuperação em janeiro último, e as vacinas e medicamentos acumularam perdas de 5,63% em seus preços.

- Relações de Troca

De janeiro de 1995 a janeiro de 1996, e tendo como período base agosto de 1994, a tendência observada nas relações de troca da agricultura foi de queda. Esse comportamento foi observado na relação IPR/IPP como também na relação IPR/IPPF, porém, de uma forma mais acentuada. Essas relações, que estavam próximas de 100 em janeiro de 1995, foram para 87,79 e 82,34, respectivamente, em janeiro de 1996. No decorrer do período, houve alguma melhora entre abril e junho e a partir de novembro, quando começaram a aparecer indícios de uma recuperação do setor¹².

Essa situação desvantajosa para o agricultor ocorreu, uma vez que o IPP teve um crescimento (8,74%), ainda que pequeno e em termos nominais, e o IPR decresceu 4,88%. Como o IPP foi influenciado pela elevação do IPPF, já que o IPPD foi negativo, a relação IPR/IPPF atingiu patamares menores, pois a comparação é feita apenas com os insumos adquiridos fora do setor agrícola.

- Preços no Varejo da Cidade de São Paulo

Até maio de 1995, os preços médios no varejo, dos produtos que fazem parte do IPCMT, acumularam variações positivas, devido principalmente à alta de 7,71% no IPCMV, como resultado de acréscimos nas hortaliças (30,41%)

e industrializados (7,14%). Em contraposição, o IPCMA mostrou comportamento de queda, com exceção do mês de maio¹³.

De janeiro de 1995 a janeiro de 1996, as variações acumuladas do IPCMV foram de 14,03% para os básicos, 3,65% para as frutas, -2,78% para hortaliças e 13,48% para os industrializados (Tabela 2). É importante observar que esse subgrupo de produtos (origem vegetal) foi fortemente influenciado por fatores climáticos, somado à sazonalidade de alguns componentes (frutas e hortaliças).

A mesma análise para o subgrupo dos produtos de origem animal (IPCMA) mostra que os maiores acréscimos nos preços médios ocorreram para leite e derivados (17,49%) e decréscimo para carnes e derivados (-7,97%).

Em termos gerais, os preços agrícolas em nível de varejo, conforme evolução do IPCMT, situaram-se acima do IGP-DI, no período de janeiro a maio de 1995, após o que invertiram a posição, mostrando-se decrescentes e acompanhando o movimento dos preços recebidos pelos produtores.

Em janeiro de 1996, somente as hortaliças (4,96%) e produtos básicos (1,89%) apresentaram variações positivas e acima do IGP-DI, com a cesta totalizando aumento de 0,83%.

4 - CONCLUSÃO

Os preços agrícolas, salvo os em nível de consumidor, nos meses de janeiro a maio de 1995, não foram os grandes responsáveis pela inflação em 1995. Todavia, espera-se, para 1996, que os preços em nível de produtor sofram reajustes, haja vista a alta nos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional e previsões de quebra na safra de grãos.

Entretanto, até o momento, como mostram estimativas preliminares de preços para fevereiro no varejo na cidade de São Paulo, a maioria de seus itens apresentou queda de preços, principalmente alimentos básicos e carnes, com pequenas altas nos legumes e verduras e possivelmente sem reflexos positivos nos índices de inflação.

O índice de preços pagos indicou que os preços dos insumos, no geral, tiveram saldo positivo em 1995, com exceção daqueles adqui-

¹²Idem nota 5.

¹³Idem nota 5.

TABELA 2 - Evolução das Variações Percentuais dos Preços no Varejo, por Grupo de Produto da Cesta de Mercado, Cidade de São Paulo, Janeiro de 1995 a Janeiro de 1996

Grupo de produtos	Jan./95	Fev./95	Mar./95	Abr./95	Mai/95	Jun./95	Jul./95
Produtos básicos	-1,52	-1,09	-3,32	3,03	1,84	0,70	1,10
Frutas	-19,63	1,23	14,75	4,13	3,59	-7,36	-7,63
Hortaliças	1,88	23,61	2,86	-0,40	1,09	-7,67	-12,93
Produtos industrializados	0,00	0,79	2,36	-2,31	6,30	-1,48	-0,75
Produtos de origem	-5,20	5,91	2,52	2,50	2,09	-3,81	-4,99
Carnes e derivados	-5,76	-4,66	-4,58	-8,87	7,10	-0,52	0,60
Leite e derivados	-0,91	-0,20	0,61	9,40	1,53	-1,19	6,20
Produtos de origem	-3,77	-2,69	-1,70	-1,30	4,62	-1,07	2,28
Total da cesta de	-4,69	2,84	1,10	1,04	2,91	-2,92	-2,58
Grupo de produtos	Ago./95	Set./95	Out./95	Nov./95	Dez./95	Jan./96	
Produtos básicos	2,57	-0,67	1,01	1,39	5,01	1,89	
Frutas	4,17	-8,91	-3,59	10,10	-0,63	-3,40	
Hortaliças	-4,20	-6,02	1,82	-2,71	0,90	4,96	
Produtos industrializados	4,55	0,00	-1,45	1,47	2,90	0,70	
Produtos de origem vegetal	1,22	-3,95	0,10	2,32	2,68	1,45	
Carnes e derivados	4,35	-0,04	-2,85	2,28	0,36	-0,43	
Leite e derivados	1,39	0,52	-0,81	0,78	-0,39	-1,07	
Produtos de origem animal	2,84	0,04	-1,79	1,38	0,34	-0,32	
Total da cesta de mercado	1,79	-2,55	-0,58	1,98	1,85	0,83	

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos levantados pelo Instituto de Economia Agrícola.

ridos no próprio setor agrícola. Como os preços recebidos pelos produtores decresceram no período, as relações de troca foram desfavoráveis para o agricultor.

No entanto, em 1996, como os preços

dos insumos continuarão subindo, porém, moderadamente, e com os indícios de leve recuperação dos preços agrícolas, espera-se que as relações de troca sejam menos desfavoráveis.